

Sartre e o humanismo cristão

Arnaldo de Pinho
Univ. Católica Portuguesa

A relação de Sartre com o «humanismo cristão», não é um tema muito tratado. Não apenas em Portugal, como, quanto julgo saber, no estrangeiro.

Augusto Etcheverry consagrou-lhe algumas páginas importantes na obra traduzida pela Tavares Martins, sob o título *O conflito actual dos Humanismos*¹. Charles Moeller na sua célebre *Littérature du XX^{ème} siècle et Christianisme*² consagra-lhe um importante capítulo, numa linha provavelmente extremamente negativa. Recordamos ainda um interessante artigo de Manuel António de Paula³ e um texto intitulado «O humanismo existencialista de Sartre», publicado na *Revista Portuguesa de Filosofia*⁴, da autoria de Júlio Fragata.

No mundo português apareceram trabalhos importantes sobre Sartre, nomeadamente de Cassiano Reimão. Mas na perspectiva do Humanismo cristão e numa perspectiva dialógica são poucos.

O pensamento de Sartre foi, entre nós talvez, divulgado, pelo menos nos meios ditos católicos, na perspectiva de uma desumanização provocada pelo ataque aos valores fundamentais do homem.

O mesmo Sartre reagiu contra esta maneira de o ler, sobremaneira na sua obra *L'existentialisme est un humanisme*, divulgado em várias línguas, e também em português, numa edição que contou com a tradução, prefácio e notas do escritor Virgílio Ferreira⁵. Esta tradução data de 1962, conquanto o original que pretende a defesa do existencialismo «contra um certo número de críticas que lhe têm sido feitas», data de 1946.

O próprio Sartre recorda na obra traduzida pelo escritor Virgílio Ferreira que o existencialismo se tornou numa palavra muito abrangente, cuja significação será difícil precisar⁶.

¹ Porto 1958.

² Charles Moeller, *Littérature du XX^e siècle et Christianisme*, II, (Paris 1960) 37-107.

³ O Humanismo de Sartre (Braga 1967), separata da revista *Theologica*, vol. II

⁴ *Revista Portuguesa de Filosofia*, 19(1963) 48 e s.

⁵ Lisboa 1962.

⁶ Cit. ,178

Como se sabe, há um existencialismo cristão, como o de Jaspers e mesmo católico, como o de Marcel. Como Sartre reconhece, na obra que vimos analisando⁷, o seu existencialismo é ateu.

O ateísmo de Sartre configura-se, segundo o mesmo Sartre, numa radical concepção da subjectividade, pois o homem «primariamente não é nada»⁸, pois «não é mais do que o que ele faz»⁹.

Sartre também se defende, neste texto, sobre a natureza do seu humanismo, da acusação que se fez a propósito de *La Nausée* publicada em 1938, de que aí lançava por terra toda a possibilidade do Humanismo.

Na sua defesa, Sartre distingue dois tipos de Humanismo: pode conceber-se um Humanismo que toma o homem como fim¹⁰, no qual se atribui a alguém os valores apenas realizados por alguns homens, concepção que nos levaria ao culto da humanidade à Auguste Comte, «Humanismo com o qual Sartre nada quer»¹¹; e pode também conceber-se o Humanismo no qual o homem não é um fim, «porque ele está sempre por fazer»¹².

Partidário deste último humanismo, Sartre faz desta ligação à transcendência o constitutivo do homem, pois o homem é uma subjectividade que não se fecha em si mesma, mas se abre continuamente ao que ultrapassa¹³.

Esta concepção da transcendência nada tem a ver com o mesmo conceito em Jaspers ou no pensamento teísta. Segundo o mesmo Sartre, esta transcendência entende-se apenas «no sentido da superação» da subjectividade e «não no sentido de que Deus é transcendente»¹⁴.

O sentido de uma liberdade radical, que não assenta em nenhuma natureza nem em nenhuma essência, parece ser o ponto fundamental do Humanismo sartriano. Por isso, para ele, não há «determinismo»¹⁵, «o homem é livre, o homem é liberdade». O homem não apenas é livre como está condenado a ser livre «porquanto uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer»¹⁶. E o primeiro esforço do existencialismo consiste em atribuir ao homem «a total responsabilidade da sua existência»¹⁷.

⁷ *Ibid.*, 179, 182, 186.

⁸ *Ibid.*, 182

⁹ *Ibid.*

¹⁰ *Ibid.*, 232

¹¹ *Ibid.*, 233.

¹² *Ibid.*

¹³ *Ibid.*, 234

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Ibid.*, 193

¹⁶ *Ibid.*, 194

¹⁷ *Ibid.*, 184

É esta relação entre a liberdade e a responsabilidade que gera um sentimento muito próprio do existencialismo, o sentimento da angústia: «o existencialismo não tem pejo em declarar que o homem é angústia»¹⁸.

Esta projecção universal da responsabilidade tem um paralelo no campo cognoscitivo. De facto Sartre admite, como Descartes o cogito como primordial dado que «consiste em nos apreendermos sem interme-diário»¹⁹. No entanto Sartre pretende superar o cogito cartesiano, na medida em que afirma que «o outro é tão certo para nós como nós mesmos»²⁰. Entra-se assim, parece, numa ligação à herança da fenomenologia husserliana. Ou talvez não. De facto numa declaração a uma revista brasileira de Filosofia, Sartre afirma que o seu esforço em unir o seu existencialismo e materialismo dialéctico estava em unir «as certezas do cogito cartesiano, e o método dialéctico materialista que é o único adaptado aos conhecimentos antropológicos»²¹. E acrescentou Sartre que é este, precisamente o escopo de seu livro *La critique de la raison dialectique*²².

De um ponto de vista de uma apreciação do Humanismo de Sartre, merece uma enorme importância a análise das figuras do mal, que liga «a indissolúvel agregação da burocracia, do terror e do culto da personalidade».

Sartre viveu a «drôle de guerre», tendo sido feito prisioneiro a 21 de Junho de 1941 e permanecendo prisioneiro até Março de 1942, data em que é transferido para Trier, onde trabalha na enfermaria. Aí conhece vários padres a quem ensina Heidegger.

A partir de 1950, Sartre aparece cada vez mais em seus compromissos políticos. Em 1950 escreve um artigo contra os campos soviéticos e o começo da guerra da Coreia. Sartre aproxima-se dos comunistas, mas de maneira crítica. Relê Marx. Em 1952 zanga-se com Camus. Publica em *Temps modernes*, «Les communistes et la Paix». Em 1953 Merleau-Ponty abandona a revista e Sartre torna-se único director. Em Maio – Junho faz uma primeira viagem à Rússia e torna-se, em Dezembro, vice-presidente da associação França – URSS. Em 1955 faz uma viagem à China, onde se encontra com Mao. 1956 marca a sua entrada ao lado do Movimento da Libertação contra a guerra na Argélia. Em Novembro, numa entrevista a *L'Express*, condena a intervenção soviética na Hungria e rompe como PCF.

Em 1958, assina com Malraux e Mauriac, o primeiro gaulista e agrónomo, o segundo católico, um apelo denunciando a tortura na Argélia. A 22 de Maio toma posição contra De Gaulle. Em 1960, ano da morte de

¹⁸ *Ibid.*, 186, 187

¹⁹ *Ibid.*, 214

²⁰ *Ibid.*, 215

²¹ Júlio Fragata, cit., 53

²² Paris, Gallimard, 1960.

Camus, escreve um artigo em sua memória. Em Agosto, colabora no manifesto dos 121 sobre o direito à insubmissão na guerra da Argélia. Em Outubro, *Les Temps Modernes* é confiscado. Uma manifestação de antigos combatentes grita «Fusillez Sartre».

Em 1961 morre Merleau-Ponty. Sartre dedica-lhe um número de *Temps Modernes*. Em 64 publica *Les Mots*, onde faz a narrativa da sua infância. Nesse mesmo ano recusa o Prémio Nobel da Literatura. Em 1967 faz parte do tribunal Russel encarregado de inquirir sobre os crimes na guerra do Vietname. Apoiar Israel na guerra dos seis dias. Em 1968 apoiar os estudantes na crise de Maio e condena, nesse mesmo ano, a intervenção soviética na Checoslováquia. A acção de Sartre justifica, sem exclusividade, que se fale a seu propósito do século de Sartre, num certo sentido.

A acção de Sartre merece tanta reflexão como o seu pensamento.

Sartre não apenas vive o tempo do século, mas reflecte sobre ele. Fiel ao seu método, não evoca à maneira de Tocqueville ou de Max Weber os males do tempo. Na sua obra filosófica, e sobretudo talvez no seu teatro, pode encontrar-se uma espécie de rede secreta e discreta, a par de uma análise da burocracia do Estado, sem qualquer contraponto ou limite, seja ele o das leis, ou as ideologias.

Neste sentido Sartre falará da burocratização e da dependência, e da tríade infernal: «a indissolúvel agregação da burocracia, do Terror e do culto da personalidade»²³.

Quando publica, em 1956, *Le Fantôme de Staline*, ele pensa este fantasma passageiro, mas o tom da *Crítica da Razão dialéctica* é bem mais amargo. Quando analisa os fenómenos do poder, reconhece-lhe, qualquer que seja o regime, uma mesma essência maléfica.

Vale a pena citá-lo: «O soberano – digamos Estaline ou Hitler – não tira seu poder das massas, embora se apresente como um chefe popular. Os seus associados, membros da sua conjuração, constituem um grupo (...)».

«Num primeiro círculo, ou inferno pratico-inerte, a matéria induzia a divisão dos indivíduos, a ameaça de cada um sobre todos os outros, a alteração do próximo em outro. No segundo círculo o grupo destinado a libertar os homens da raridade, torna-se um instrumento de fechamento e de controlo. No inferno organizado, a matéria arma o poder do soberano, consolidando simultaneamente a alienação dos homens. Então os fins visados perdem o seu carácter teleológico (...). A sorte de cada um enerra-se, a dominação faz-se sequestro. Como diz Sartre «não são as coisas que são sem piedade, são os homens»²⁴.

²³ *La critique de la raison dialectique*, 630.

²⁴ *La critique*, cf. Bertand Saint-Sernin, «Les figures du mal chez Sartre»,

A *Crítica da razão dialéctica* apresenta três formas maiores de processos infernais: o capitalismo, o colonialismo e o estalinismo. Todas elas dão origem a um mecanismo segundo o qual «o homem é um ser pelo qual o homem é reduzido ao estado de objecto odiado»^{xxv}.

É verdade que a antropologia sartriana trata talvez menos da vida do que da morte. Os poderes são sequestrados, as acções interrompidas, as liberdades negadas. Não há moral porque não há salvação.

A acção de Sartre, muitas vezes ao lado de militantes católicos, deve ser considerada uma luta pela libertação dos males concretos que afligem os homens em todos os tempos; e suas análises, e sobretudo o seu teatro, apontam numa perspectiva coerente, para os abismos das correntes que não deixam o homem ultrapassar a alienação.

No activo humanista e seguramente cristão de Sartre pode colocar-se também a lucidez com que assumiu a existência, não remetendo a liberdade para bodes expiatórios, mas para a responsabilidade.

Existencialista, no sentido em que mesmo ele se definiu, para Sartre, a vida superior aparece sobretudo como uma embriaguês de liberdade.

Mas a liberdade de Sartre pouco tem a ver com a disponibilidade de Marcel, e muito menos com a passagem de recusa à invovação. Certo que num e noutro, como no Humanismo cristão autêntico, há uma preocupação de libertação. Mas pintando mais as cadeias do que as vias, mostrando, na sua acção como se alteram as cidades, mas não propriamente como se fundam.

